

Por: José Roberto Nunes de Azevedo  
Doutorando em Geografia pela FCT/UNESP. Bolsista FAPESP



MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Matos (2009) traz neste livro aspectos fundamentais da estruturação do sindicalismo no Brasil ao passo que demonstra como se desenvolveram desde as primeiras organizações dos trabalhadores no país, especialmente no Rio de Janeiro, por ocasião do fim da escravidão, onde tinha-se formas de mobilização dos trabalhadores em torno de irmandades até o período recente marcado pelo novo sindicalismo.

Todavia o autor destaca as dificuldades em constituir uma consciência de classe nesse momento o que seria gradualmente reforçado com a instalação das primeiras fábricas e a necessidade de garantir condições dignas de trabalho ao conjunto de trabalhadores. Posteriormente, já durante o Governo Vargas é destacado a implantação do sindicato oficial o qual estava a serviço do Estado. Assim em um primeiro momento tem-se a desarticulação das lutas sociais para a partir de 1942 empreender-se o discurso de valorização do trabalhador no país.

Verifica-se entre 1945 e 1964 um processo de redemocratização e crescimento da atividade sindical. Entretanto no período militar a repressão aos sindicatos se instala e inúmeros sindicatos, federações e confederações são fechadas. Ao mesmo tempo é destaque a ocorrência de paralisações e greves no país, a exemplo das ocorridas no ABC paulista, associado ao papel da CUT e do próprio PT. Por fim, o autor atenta para o desafio atual do sindicalismo frente ao projeto neoliberal que compromete as conquistas alcançadas pelos trabalhadores.

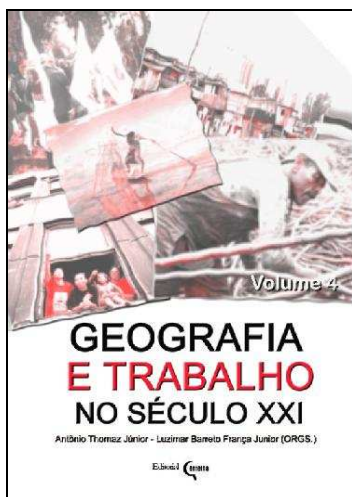
BERNARDO, Márcia Hespanhol. **Trabalho duro, discurso flexível:** Uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Hespanhol (2009) aborda neste estudo as diferentes formas de exploração a que estão submetidos os trabalhadores ligados ao ramo metalúrgico, particularmente em duas montadoras instaladas no Estado de São Paulo, que recebem o nome fictício de Tamaru e Assan.

A autora demonstra como que as referidas empresas incorporam em seu processo de gestão o método de trabalho toyotista, na qual propositalmente o chefe é designado líder e o diretor gestor, enquanto o trabalhador é denominado “colaborador”. É, pois nesse cenário que é empreendido sobre a mão-de-obra uma crescente pressão em relação à produtividade exigida, gerando um excesso de responsabilidades, que perpassa por mecanismos de constrangimento pessoal através da imposição de metas a serem alcançadas.

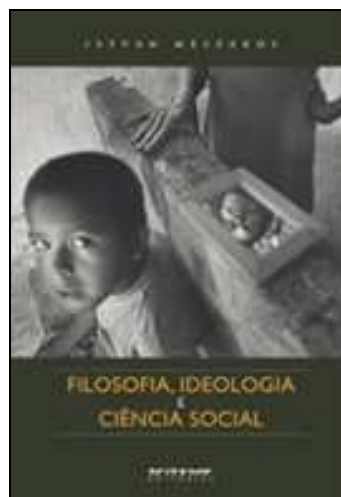
Não obstante a empresa utiliza-se de critérios subjetivos e discriminatórios para seleção dos trabalhadores. Também de acordo com Hespanhol (2009), é fragante a desmobilização dos trabalhadores frente suas formas de organização sindical. Desta forma o discurso gerencial busca a iniciativa e adesão dos trabalhadores a serviço da empresa usando como subterfúgio a possibilidade do desemprego.





4.º Volume da Coleção Geografia e Trabalho no Século XXI, publicado pelo Editorial Centelha com textos oriundos de pesquisas realizadas no âmbito no CEGeT – Centro de Estudos de Geografia do Trabalho.

Sétimo livro do filósofo húngaro István Mészáros publicado pela Boitempo Editorial, *Filosofia, ideologia e ciência social* traz ensaios que voltados para temas e problemáticas distintas como filosofia, análise literária e ciências sociais, explorados de maneira rica e complexa, a partir de seus contextos históricos e de uma perspectiva crítica



A transformação da crise dos mercados imobiliário e financeiro dos Estados Unidos em uma crise econômica global levou à desmoralização o discurso liberal em todo o mundo. Para avaliar seus impactos e alternativas, Margem Esquerda n. 13 traz o dossiê “Hegemonia em tempos de crise”, composto por alguns dos mais importantes analistas desse fenômeno: o francês François Chesnais, o norte-americano Robert Brenner, o brasileiro José Luís Fiori e o inglês Peter Gowan. Chesnais, formulador da tese da financeirização do capitalismo, destaca a longevidade da recessão e as duras consequências para os trabalhadores. Mas lembra que a situação atual apresenta oportunidade ímpar para a construção de alternativas.